

O uso de animais nos trabalhos experimentais de pesquisa científica tem sido de fundamental importância, não só pelos avanços que permite no conhecimento dos mecanismos dos processos vitais, mas também no aperfeiçoamento dos métodos de prevenção, diagnóstico e tratamento de doenças tanto na medicina humana como na própria medicina veterinária. A utilização destes animais exige, além da qualidade genética, um controle sanitário rigoroso para que os mesmos possam ser usados como reagentes biológicos em pesquisas biomédicas, com resultados cientificamente confiáveis. Em biotérios convencionais, onde a microbiota dos animais é desconhecida, exames parasitológicos e sorológicos rotineiros na colônia (para vírus e bactérias específicos da espécie) são fundamentais para manter a qualidade e o controle sanitário da criação. Em relação aos tipos de parasitos, existe uma grande diferença entre os encontrados em animais na natureza e os da mesma espécie, criados em laboratório. Além disso, a principal dificuldade para descobrir as enfermidades, em particular de ratos e camundongos, é a ausência de sinais clínicos característicos. Portanto, o monitoramento parasitológico é muito importante para avaliar o estado de comprometimento das colônias. Em um biotério, qualificado sanitariamente como convencional, coletaram-se amostras de fezes de roedores por três dias consecutivos. As fezes foram coletadas em “pool” de cada uma das 12 caixas amostradas, identificadas e mantidas sob refrigeração até o seu processamento no Laboratório de Biomedicina do Instituto de Ciências da Saúde (ICS) do Centro Universitário Feevale onde foi realizado o exame coproparasitológico. Este controle vem sendo realizado num período aproximado de 15 meses, sempre com resultados negativos. Análises bacteriológicas das fezes também revelam a presença de microbiota normal, sem microrganismos patogênicos.